

## Museus no mundo contemporâneo

Priscilla Arigoni Coelho<sup>m</sup> (organização)

Museus no Mundo Contemporâneo, o título deste dossiê, que inaugura a Revista Musear, é intencionalmente abrangente, tanto quanto de forma pensada, esconde intenções explícitas. Como dossiê de abertura, tem por intenção frisar a importância que os corpos decisórios desta revista – seu Conselho Editorial, sua Comissão de Edição, bem como, mas não menos importante, o quadro de professores do Departamento de Museologia da UFOP – atribuem a uma publicação científica sobre museus. Instituições em franca expansão no mundo contemporâneo, aos museus é, atualmente, atribuída importância talvez não pensada cinquenta anos atrás. Na época em que a instituição adquiriu o formato que a marca até nossos dias, o chamado “museu público”, além de recolher e guardar objetos notáveis, para assinalar a trajetória das sociedades ocidentais, assumiu uma função pedagógica que ainda hoje a caracteriza. Conforme tem assinalado por especialistas como Bennett, Pearce, Alexander, Poulot e Meneses, apenas para citar alguns que agora nos ocorrem, a pedagogia que os museus assumiram visava não apenas ensinar aos homens sobre seu mundo, como também ensinar sobre outros homens, com que compartilhavam o mundo. No mundo contemporâneo, os museus, depois de dois séculos, continuam a ensinar os homens sobre como compartilhar o mundo.

Assim, a abrangência do título deste dossiê inaugural se justifica por frisar a importância que assumiram essas instituições. Por outro lado, e visto que Musear, neste seu número inaugural é ainda uma experiência, a intenção do dossiê inaugural é também uma forma de convocar tantos colaboradores quanto possível a comparecer ao “ato inaugural”, e acolher esses corajosos voluntários, bem como suas opiniões. Isto porque seria impossível considerar que agentes ativos

do campo museal considerassem o tema de pouca importância, e certamente as opiniões que emitiram nos textos propostos seriam veículos de reflexão sobre a própria relação com o campo e seus marcos. Ou seja, quase a expansão de uma “visão de mundo”, na definição estabelecida por Kant: a maneira pela qual as pessoas percebem ou interpretam o mundo em que vivem, percepção do mundo e das artes pelos sentidos, que lhes permite julgar sua própria realidade. E a realidade de nossos colaboradores é o museu e, por extensão, a relação que, na modernidade, essas instituições estabeleceram com a memória das sociedades e com o patrimônio que as sociedades elegem como passíveis de preservação.

Talvez o leitor concorde com nossa avaliação deste dossiê inaugural, e talvez concorde que o dossiê cumpre sua função, que é agregar abordagens diversas de uma temática, e que tal temática é fortemente marcada pelo envolvimento dos colaboradores com o campo.

Em todos os artigos, tal envolvimento é marcante. Em Manuelina Cândido, em Vânia Dolores, em Regina Coeli e Vera Dodebei, em Bruno Brulon, em Ana Beatriz Cascardo, em

<sup>m</sup>Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Mestre e Doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Professora do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Laedna Santos, Elizabete e Wellington, em Rosaelena Scarpelina. É patente o envolvimento pessoal desses pesquisadores com suas temáticas. Envio que, por outro lado, não esconde a experiência: abordam com maestria diversos aspectos do campo museal.

Também é notável a originalidade das temáticas, bem como a forma de abordagem eleita por cada um desses colaboradores. De certa forma, todos os temas abordados transitam pela concepção, gestão e planejamento de museus, passando por diversos vieses: os currículos universitários de Museologia no Brasil; o relato acerca da criação da rede de ações e de museus de folclore como suporte aos estudos de folclore; a reflexão sobre como uma Lei Federal afeta, positivamente, as práticas museais de um importante museu sergipano, em relação ao sistema escolar local. Em alguns artigos, ao abordarem questões ligadas a valorização da memória e preservação do patrimônio em projetos ligados a revitalização de espaços urbanos, a musealidade de uma comu-

nidade de candomblé baiana, a abordagem da relação existente no espaço doméstico das Casa museus e a transformação de objetos do cotidiano em testemunhos, e a análise dos mecanismos de institucionalização e dos processos de absorção do grafite pelo sistema artístico contemporâneo, o conceito de museu ultrapassa os limites físicos e institucionais, para ganhar a cidade e as comunidades.

Enfim, sete autores altamente especializados, oriundos de cursos de graduação e pós-graduação que formam museólogos e especialistas em museus oriundos de outras áreas. Tal abrangência indica uma característica do campo museal que, sabemos, estará sempre em destaque, neste e nos futuros números de *Musear*: a interdisciplinaridade. Afinal, os museus e suas ações são textos escritos por várias mãos. Sua riqueza reside exatamente nesta característica, única entre as instituições de memória e patrimônio. De alguma forma, nossa maior ambição é que *Musear* contribua para aprofundar esta característica.